



MAURÍCIO  
WALDMAN

## Planeta sedento

Poucas questões no mundo atual despertam discussões tão apaixonadas quanto as que marcam o temário da água. Tido até poucas décadas atrás como recurso praticamente inesgotável, o líquido tornou-se item disputado por heterogêneo leque de atores. E isso de um modo sem precedentes. Nesse prisma, interessa registrar que em plenos anos 1970, a escassez de água doce sequer se fazia notar no discurso dos planejadores ou dos acadêmicos.

Para calçar tal afirmação podemos citar o famoso texto Limites do Crescimento (1973). Documento icônico no alerta quanto ao esgotamento dos recursos naturais, mesmo uma leitura superficial evidencia que os autores ignoravam a irrupção da crise hídrica. Era como se ocorrência deste tipo fosse pura e simplesmente impensável.

Contudo, não é o que notamos nos dias de hoje. De pronto, faria sentido destacar que o Fórum Mundial da Água de 2015, a ser realizado na Coreia do Sul, tem Água para Nosso Futuro como tema-chave. Quanto ao Fórum de 2018, marcado para acontecer em Brasília, a chamada do evento é Compartilhando a Água.

Assim, o foco dos dois eventos, máxima expressão do interesse global pela água, expressa duas questões cruciais associadas aos recursos hídricos. A primeira: que tipo de futuro aguarda o mundo no quesito água. A segunda: as disputas pelo uso do líquido, que se acirram cada vez mais.

Pesa neste cenário a exiguidade do recurso. Retenha-se que apenas 2,5% das águas do planeta são doces. Para complicar, fração mínima deste volume está diretamente acessível aos humanos. A água em estado livre na natureza – fluindo em ambientes como rios, lagos e oásis, ao alcance imediato das solicitações humanas – perfaz somente 0,3% dos 2,5%. Isto é: 0,014% das águas globais.

É desta reserva hidrológica que depende a vida humana. Mas, seria lícito recordar que mesmo este estoque

é colossal. Disto se infere, portanto, que a explicação da escassez de água não se restringe aos caprichos da oferta natural.

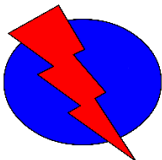
Atente-se para a escalada dos processos hídrico-intensivos, com o líquido assumindo papel de pivot das molas da economia, de insumo vital para a vida urbana e do consumo induzido pelo modern lifestyle. Sem contar o suprimento hídrico incorporado aos bens solicitados ao meio rural, as comunidades urbanas se regalam com 60% do consumo bruto de água doce.

Assim, a cidade compete diretamente com o campo no acesso ao líquido. Não por outro motivo senão pelo fato de a água ser insubstituível nos processos biológicos. Indo direto ao ponto, a água representa até 90% da massa dos vegetais. A esse quadro se somam as demandas hídricas da indústria. Embora não esteja claro à percepção das pessoas, a água é indissociável da materialidade dos produtos.

Um simples computador de 24 kg emprega 1,5 mil litros de água. No fabrico do papel, 1 kg do material incorpora 250 L do líquido; 1 kg de alumínio solicita 100 mil L; para refinar o petróleo, investem-se 18 L por litro obtido do processamento; fibras sintéticas empregam até 835 m<sup>3</sup>/tonelada; aço, entre 100-500 m<sup>3</sup>/t; borracha sintética, 83-2,8 mil m<sup>3</sup>/t. Enfim, um carro reclama 400 mil litros de água.

Do que foi exposto, fica evidente o caráter central de que se reveste o debate sobre os recursos hídricos. Isso especialmente quanto aos modelos econômicos e de consumo. Rarefeita pelas desventuras humanas, assegurar o acesso à água requer revisão de prioridades, gestão de excelência, padrões de ecoeficiência e de preservação das águas. Medidas minimamente cabíveis a um insumo vital, estratégico e essencial.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

